



A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Euzilene Carvalho Da Silva¹

Janete Santa Maria Ribeiro²

BANCA: Janete, Ricardo e Fatima – 09.10.2015 – Sala 1 (2)

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo problematizar o ensino da literatura infantil visando um desenvolvimento integral, por meio de valores humanos, sociais, filosóficos e artísticos. Através da pesquisa bibliográfica foi investigada a opinião de alguns autores entre eles: Vygotsky, Wallon, Emília Ferreiro, Piaget e outros, sobre como a criança se apropria do pensamento e da linguagem através da literatura infantil. Buscou-se problematizar a concepção do professor, diante do seu trabalho com a literatura infantil na primeira infância, através de questionários realizados com os mesmos. Procurou-se conhecer sua ação pedagógica e por meio de gráficos foram demonstrados os dados. Acredita-se que este trabalho seja relevante e de importância social, pois enfatiza a necessidade de utilizar a literatura infantil na formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade onde estão inseridos. A história infantil contribui nesta formação uma vez que desperta a curiosidade, a afetividade, o imaginário, e o senso de raciocínio lógico, levando a criança a se utilizar dos conhecimentos prévios para a aquisição de novos conhecimentos de mundo.

Palavras chave: literatura infantil, contação de histórias, desenvolvimento integral da criança.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca apresentar a importância da literatura na educação infantil para a formação ética e moral no desenvolvimento psicossocial dos educandos, auxiliando na formação integral, permitindo relacionar-se melhor com seus pares, através da confiança e segurança.

A pesquisa de campo foi realizada com os professores do Cmei Soldadinho de Chumbo, localizado na Travessa Bagre, S/Nº - Profilurb I, nas

¹UTFPR – e-mail: euzilenecarvalho@hotmail.com

²UTFPR – e-mail: janetesantamaria@gmail.com

turmas de Maternal e Pré-escolar, sendo realizada durante o ano letivo de 2015.

Por meio do problema de estudo levantado no ano letivo, procurou-se averiguar se as professoras de educação infantil utilizam em seu planejamento, a literatura, e de que maneira: semanal, quinzenal ou somente em datas comemorativas. Qual a metodologia empregada para que o maior número de crianças seja contemplado com um melhor desenvolvimento para sua formação integral.

Também se verificou a forma como as professoras apresentam a literatura às crianças, permite desenvolver o gosto pela arte literária, auxiliando-os a estimular a imaginação, e assim estruturando a formação de valores desses leitores, que futuramente podem contribuir com mudanças na sociedade em que vivem, como cidadãos críticos e conscientes. Este tema é de grande relevância para a formação integral da pessoa, pois todo adulto um dia foi criança e através do lúdico, da oralidade e da contação de história pôde vivenciar situações que contribuíram para sua formação de adulto. A contação oral de histórias está ligada diretamente na formação da humanidade, que desde os primórdios vem transmitindo ensinamentos e conhecimentos através de histórias, com enredos e personagens que ajudam na formação moral e ética do povo.

A literatura é uma fonte saudável e inesgotável de alimentação à imaginação infantil, sendo que as histórias infantis contribuem para a formação social, moral e literária dos leitores mirins. Estabelecendo uma relação entre o mundo real e da fantasia.

Ao fazer a entrevista com as professoras do Cmei de educação infantil buscou-se por meio da escrita e da entrevista oral informações sobre o assunto em pauta, para serem posteriormente analisadas. O roteiro estruturado estará em anexo ao trabalho. Os dados foram apresentados através de gráficos e compilados, para melhor compreensão dos leitores.

O homem aprende em diversos espaços sociais, entre eles a escola com a educação sistematizada, mas a educação é uma via de mão dupla, onde não

existe somente aquele que ensina ou aquele que aprende, todos interagem nesta construção. Portanto a educação é um processo dinâmico.

“A educação é a prática mais humana, considerando-se a profundidade e a amplitude de sua influência na existência dos homens. Desde o surgimento do homem, é a prática fundamental da espécie, distinguindo o modo de ser cultural dos homens do mundo natural, de existir, dos demais seres vivos” (SEVERINO, 2001)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, aprovada em 20/12/1996, no seu artigo 1º preconiza que:

“a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na vivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”

Pode-se considerar, então, que a educação sozinha não consegue garantir a construção de uma sociedade justa, igualitária e democrática.

Observa-se que a educação não é a mesma para todos, uma vez que alguns são educados para serem cidadãos que tomam decisões e outros são educados para o trabalho.

É necessário estar a par do entendimento destes dois conceitos, educação e ensino.

“Educação é um conceito genérico, mais amplo, que supõem o processo de desenvolvimento integral do homem, isto é, de sua capacidade física, intelectual e moral, visando não somente a formação de habilidades, mas também do caráter e da personalidade social. O ensino consiste na transmissão de conhecimentos”.
ARANHA (1996, p. 51)

Observa-se que não se pode dissociar educação e ensino, uma vez que os dois se completam, seria impossível educar alguém sem mantê-lo informado sobre o mundo em que vive.

Assim, sobre o âmbito da educação infantil, espaço privilegiado de formação humana, Brandão (2001, p. 98) argumenta que:

Se a educação é determinada fora do poder comunitário dos seus praticantes educandos e educadores diretos por que participar dela, da educação que existe no sistema escolar criado e controlado por um sistema político dominante? Se a sociedade desigual ela produz e consagra a desigualdade social, deixando no limite inferior de seu mundo os que são para ficar no limite inferior do mundo do trabalho (os operários e filhos de operários) e permitindo minorias reduzidas

no seu limite superior, por que acreditar ainda na educação? Se ela pensa e faz pensarem o oposto do que é na prática do seu dia a dia, por que não forçar o poder de pensar e colocar em prática uma outra educação? Porque a educação é inevitável [...] Porque a educação sobrevive aos sistemas e, e se em um ela serve à reprodução da desigualdade e a difusão de idéias e à pregação da liberdade” (BRANDÃO, 2001, p. 98)

A educação infantil é uma parte importante no processo de formação do indivíduo, sendo assim busca-se a formação integral dos educandos.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até 06 anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB, art, 29, 1996)

Esta educação deve ser entendida com um lugar de entretenimento, brincadeira e desenvolvimento das diversas áreas do conhecimento.

Desde o ventre da mãe, quando ainda em gestação, o feto reage a estímulos do exterior, de acordo com as reações da mãe, interpreta o mundo que o cerca, com risos, choros e satisfações que indicam uma aprendizagem contínua. (BESSA, 2011, p. 63)

Embasa-se o desenvolvimento das crianças nos autores Vygotsky, Piaget, Wallon, Emília Ferreiro entre outros, que auxiliam com várias contribuições para novas práticas na educação infantil.

Vygotsky (1991) entende o homem como um ser histórico, que intervém em seu meio ambiente através do trabalho, se desenvolvendo e criando cultura. Vygotsky (1998) postula que o homem é um ser social, que se aproxima de sua cultura para entender o meio onde vive. Em sua abordagem sociointeracionista, apresenta o homem como um indivíduo que se desenvolve de forma física e social, sendo que os processos mentais não são inatos, mas se dá a partir da relação dos indivíduos humanos através da internalização cultural e comportamental.

Por necessidade de comunicação com o outro, o homem se utiliza da linguagem, sendo que o intercâmbio social é a principal função social da linguagem.

Sendo a linguagem um instrumento do pensamento, leva-se há um processo de internalização da língua, que o autor denomina como discurso interior, “que é uma forma interna de linguagem, dirigida ao próprio sujeito e não a um interlocutor externo. É um discurso sem vocalização, ou seja, sem som voltado para o pensamento, com a função de auxiliar o indivíduo nas suas operações psicológicas”. (OLIVEIRA 1993, p. 51)

Sobre conceito de discurso pensa-se que:

Diante de como chegar a um determinado local, por exemplo uma pessoa (delibera) internamente qual seu caminho, levando em conta a conveniência dos vários percursos, o trânsito naquele horário, etc. Embora apoiando-se em raciocínios, referências e decisões de caráter verbal, a pessoa não fala alto, não conversa com ninguém. Realiza, isto sim, o discurso interior, que é uma espécie de diálogo consigo mesma. OLIVEIRA (1993, p. 51)

Vygotsky (1991) coloca que o desenvolvimento do pensamento é da linguagem, sendo das atividades intersíquicas para as atividades intrapsíquicas, sendo que, “a criança primeiramente utiliza a fala socializada com a função de comunicar e manter um contato social com o desenvolvimento é que ela passa a ser capaz de utilizar a linguagem como um instrumento de pensamento” (OLIVEIRA 1993, p. 52).

Assim observa-se que na criança a fala egocêntrica aparece após a fala socializada.

A verdadeira comunicação humana pressupõe uma atitude generalizante, que constitui um estágio avançado do desenvolvimento do significado da palavra. As formas mais elevadas da comunicação humana somente são possíveis porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada. (OLIVEIRA 1993, p. 52).

Vygotsky (1991) e sua teoria busca incessantemente por uma educação que reforce no homem sua criatividade, sua autonomia, sua condição histórica de sujeito, não um simples objeto que seja moldado por terceiros.

Vygotsky (1998) ao dar ênfase no processo sócio-histórico, coloca que a aprendizagem como uma interdependência entre indivíduos, numa relação mútua entre o ser que ensina e o indivíduo que aprende.

A ZDP – conceito de zona de desenvolvimento proximal, diz respeito ao conjunto de funções que amadurecem e que ainda estão em fase embrionária. Para compreender o aprendizado considera-se não apenas o nível de

desenvolvimento real da criança, sua capacidade de realizar tarefas de forma independente, bem como o seu nível de desenvolvimento potencial, ou seja, sua capacidade de desempenhar as tarefas sob orientação de adultos ou indivíduos mais capazes. (OLIVEIRA, 1993, p. 59)

Vygotsky, citado por Maciel (2000, p. 70) caracteriza a zona de desenvolvimento proximal como:

[...] a distância do nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou colaboração com companheiros mais capazes. Maciel (2000, p. 70)

Por sua vez, o nível de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível real e o potencial. Portanto, a ZDP é um domínio em constante transformação, já que a criança que realiza alguma atividade com a ajuda de alguém hoje poderá fazê-lo em pouco tempo sozinha.

Podemos concluir então, que para Vygotsky, o funcionamento psicológico naturalmente humano é social e histórico, assim sendo, todos os elementos do ambiente humano possuem significados culturais, sendo elementos mediadores na relação inter-social.

Piaget (1996) informa que grande parte do conhecimento construído pelo homem vem de seu esforço de entender e dar significado ao mundo, nesta tentativa de interação com o meio, criou-se instrumentos para facilitar seu desenvolvimento da inteligência.

Para o autor citado, as características humanas não estão presentes desde o nascimento, mas são adquiridas na interação do homem com o meio sociocultural onde vive, dando uma grande ênfase no processo de aprendizado do ser humano.

A linguagem para Piaget (1996) se desenvolve através das abordagens construtivistas e cognitivistas. A linguagem aparece com a superação do estágio sensório-motor, quando o desenvolvimento da inteligência na criança possibilita compreender os símbolos, surgindo o desenvolvimento linguístico,

uma vez que o autor entende a linguagem como um sistema simbólico de representações.

A criança adquire a linguagem através da relação com tem com o meio.

O autor relaciona linguagem com cognição, pois a linguagem é adquirida por meio das experiências da criança com seu meio físico, “a criança como todo ser vivo tende a aumentar seu controle sobre o meio colocando-o a seu serviço”, assim a criança a cada período que a criança passa, desenvolve um grau de inteligência maior, o que facilita o melhoramento da linguagem.

Piaget (1996) acredita ainda que a criança tem uma lógica própria de pensamento, e desconsidera o erro como déficits ou carências, buscando sim, os processos de elaboração de pensamento da criança sobre determinando assunto.

Portanto, para o autor o conhecimento é resultado das experiências e das interações do sujeito com o meio em que esta inserida.

Para Piaget (2004) os quatro estágios de desenvolvimento intelectual da criança são: período sensório motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal ou lógico-formal representando o desenvolvimento mental do nascimento até a fase adulta.

No estágio sensório-motor (0-2 anos), quando o bebê conhece o mundo por meio dos seus sentidos e seus atos motores, a partir de reflexos neurológicos básicos e começa a assimilar o meio em que se encontra.

No estágio pré-operatório (2-7 anos), a criança começa a internalizar seus conhecimentos através de esquemas de ação, por meio da assimilação e acomodação com o meio, neste período a criança se mostra muito curiosa, gosta de perguntar o porquê das coisas, desperta o desenvolvimento da fala, da representação mental. Mas ao mesmo tempo mostra-se muito egocêntrica, seus pensamentos estão baseados em seu próprio ponto de vista, não é capaz de operar mentalmente uma ação complexa que exija a capacidade de reversibilidade.

No estágio operatório-concreto (7-12 anos) há um grande avanço no desenvolvimento infantil, a criança desenvolve noções de tempo, espaço,

velocidade, ordem, casualidade, a reversibilidade, operando uma ação em seu caminho de ida e volta.

O estágio operatório-formal leva a criança a abstração total, capacidade de pensar em todas as relações lógicas, não mais apenas pela observação da realidade apresentada a ela, mas a partir de hipóteses, do raciocínio lógico de problemas, tornando-o autônomo como sujeito, podendo agir de forma independente tanto mental quanto fisicamente.

Para a epistemologia genética de Piaget pode ser entendida como:

O construtivismo piagetiano é essencialmente biológico. A perspectiva lógica de Piaget não é senão o correspondente de sua perspectiva biológica, isto é, o desenvolvimento é visto como um processo de adaptação, que tem como modelo a noção biológica do organismo em interação constante com o meio. (GOULART 1995, p. 17)

Segundo Piaget (2004) este processo dá-se quando da organização, assimilação e adaptação dos conhecimentos na estrutura cognitiva, da apreensão do que é útil e necessário à adaptação do homem no mundo.

A dificuldade da teoria de Piaget encontra-se no peso que este dá à interação social e o papel reduzido da educação no desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Wallon (1975) afirma que o ser humano é essencialmente emocional, sendo a emoção, o elo de ligação do ser com o meio exterior. Por considerar o homem um ser físico e social, este é sujeito tanto às disposições internas quanto às situações externas, através dos campos afetivos, motores e cognitivos.

Este autor admite o organismo como uma condição primeira do pensamento, afirmando que a função psíquica pressupõe um componente orgânico, sendo o objeto da ação mental o ambiente ao qual o sujeito está inserido.

A linguagem constitui-se um fator importante para Wallon, pois com ela aparece a possibilidade de objetivação dos desejos. A permanência e a objetivação da palavra permitem a criança separar-se de suas motivações momentâneas, prolongando em sua lembrança experiências que possibilitam

calcular, imaginar e sonhar. (WALLON, citado por MAHONEY; ALMEIDA, 2002).

Para Wallon (1998) em sua psicogênese da pessoa completa, o ser humano é essencialmente emocional, sendo que os aspectos da emoção são os que influenciam e direcionam nossas vidas, derivando daí a afetividade. A afetividade é uma importante face da vida humana, especialmente no trabalho educativo, voltado ao desenvolvimento de crianças de educação infantil. Ao considerar o homem um ser determinado física e socialmente, sujeito as disposições internas quanto às exposições externas, propõem que a psicogênese leve ao desenvolvimento funcional nos campos da atividade infantil: afetivo, motor e cognitivo. Wallon considera o sujeito como geneticamente social. (GALVÃO, 1998)

Piaget buscava a gênese da inteligência humana, enquanto que Wallon pretendia a gênese da pessoa, admitindo o organismo como a primeira condição do pensamento.

Segundo a Teoria da emoção diz respeito:

As emoções são a exteriorização da afetividade (...) Nelas que se assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados. (WALLON 1995, p. 143)

A teoria de Wallon tem inspiração Darwinista: onde a emoção é tida como um instrumento de sobrevivência, quando o bebê é pequeno por meio da emoção ele se comunica através do choro para ser atendido em suas necessidades. O autor citado afirma que a emoção é a exteriorização da afetividade. (GALVÃO, 1998)

Wallon (1995) contribuiu para a reflexão pedagógica, quando numa perspectiva dialética tratou do tema emoção, movimento, formação do pensamento e linguagem, através de artigos com temas pedagógicos com uma proposta de reforma do sistema de ensino. Wallon manteve uma interlocução com as teorias de Piaget e Freud. (GALVÃO, 1998)

Para Ferreiro (1986) todos os conhecimentos têm uma origem e explica quais são as formas iniciais de conhecimento da língua escrita e mostra como as crianças chegam a ser leitores, antes de lê-lo.

Para Ferreiro (1986, p. 188):

A linguagem é o primeiro contato do ser humano com o mundo. Desde o nascimento, a criança é rodeada por um mundo de ideias; no princípio, representado por sons, gestos, imagens com as quais a criança vai se inteirando, reconhecendo, assimilando as impressões do mundo que a circunda desde que nascem são construtoras do conhecimento. (FERREIRO 1986, p. 188)

A autora retrata a criança como um ser integral, não apenas um par de olhos, ouvidos que interagem com seus pares.

Ferreiro comenta sobre a representatividade dos elementos da linguagem oral, como entonação e significados semelhantes na fala. Considerando a aprendizagem como um enfoque conceitual.

A partir da teoria de Ferreiro, são dois os processos desencadeados na aquisição da língua escrita e no processo de ler e escrever. Na visão tradicional da educação, a leitura é um código decifrado, enquanto que a escrita é uma mera cópia. Na visão contemporânea, na leitura são dois os tipos de informação, a visual e a não visual. A visual seria a organização das letras e a não visual o tema. A Competência linguística nos alunos deve ser trabalhada com variados tipos de textos, e a escrita incentivada através da descoberta e estimulação e o não impedimento de escrever. Assim a criança estará se apropriando do conhecimento.

Ferreiro (1986) em sua psicogênese da língua escrita apresentou um suporte teórico construtivista, onde o conhecimento é algo a ser construído pelo indivíduo, que passa a ser visto como o autor e não o objeto do processo de aprendizagem, demonstrando que a apropriação da escrita não está vinculada a fala, e esta relação não é do tipo fonema/grafema. Onde a construção do conhecimento, o construtivismo, como suporte teórico para o processo de escrita, já que para escrever é necessário realizar diversas interações com o meio em que o cerca e com os códigos linguísticos que representam o que desejamos denominar.

As hipóteses linguísticas, segundo a autora são formadas pela criança mesmo antes de iniciar o seu processo de alfabetização, pois ela utiliza-se de seus conhecimentos prévios para formular novos conhecimentos.

Rego (1999) postula que para uma formação integral da criança no ensino-aprendizagem da literatura infantil deve:

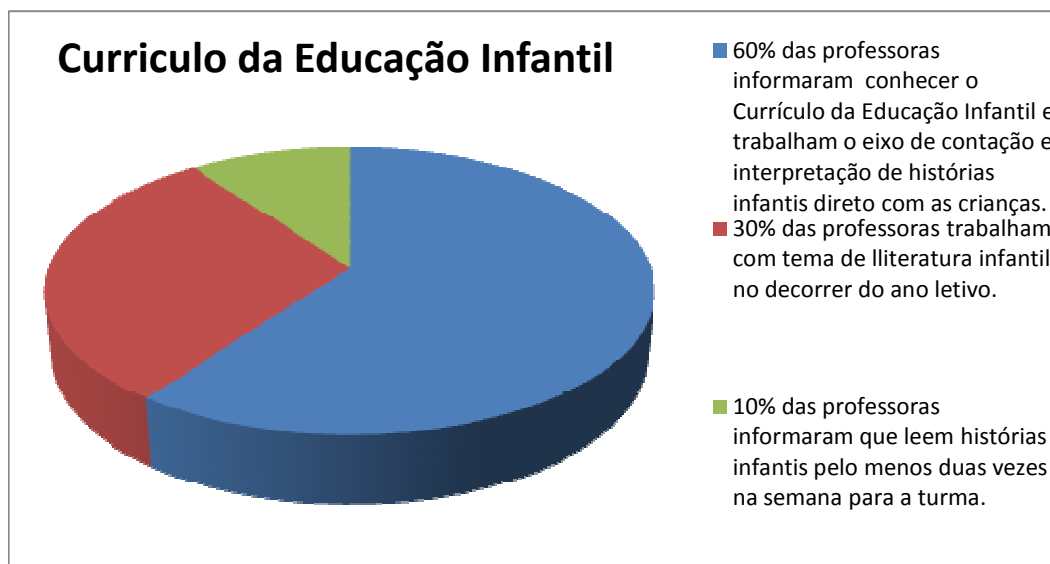
(...) num contato diário com atividades de leitura e de escrita, a alfabetização será transformada num processo ameno e descontraído, evitando-se as atuais rupturas existentes, na prática pedagógica entre a preparação para a alfabetização e a alfabetização propriamente dita". (REGO, 1999, p. 60)

A missão do professor neste momento é apresentar o livro à criança, tendo como compromisso o hábito de contar histórias, despertando o interesse e a curiosidade pela descoberta da escrita, instigando para que a criança crie suas hipóteses, levando-as a conhecer o universo da leitura. As crianças poderão escolher a literatura baseada em suas preferências. A disponibilidade de livros de literatura infantil dentro da sala de aula é de suma importância para o desenvolvimento intelectual, social e afetivo da criança, para que isso ocorra é preciso que possam manuseá-los desde a primeira infância para adquirir o gosto pelo mundo letrado. A dedicação e o interesse dos professores auxiliarão a criança a desenvolver-se integralmente com o uso de livros que chamem a sua atenção.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entrevista elaborada conforme a pesquisa em anexo com as professoras de educação infantil do Cmei Soldadinho de Chumbo, foram 20 professoras que responderam as questões.

Gráfico 1: Conhecimento da Contação de História



Fonte: Dados colhidos pela autora em entrevista com as Professoras de Educação Infantil do C.M.E.I Soldadinho de Chumbo, realizada em junho de 2015

Respostas das Entrevistas com as professoras de Educação Infantil:

60% das professoras de educação infantil informaram que por ter conhecimento do currículo da educação infantil procuram trabalhar o eixo de contação e interpretação de histórias infantis.

30% das educadoras disseram trabalhar com o tema de literatura infantil no decorrer do ano letivo.

10% das professoras informaram ler apenas duas vezes por semana para as crianças.

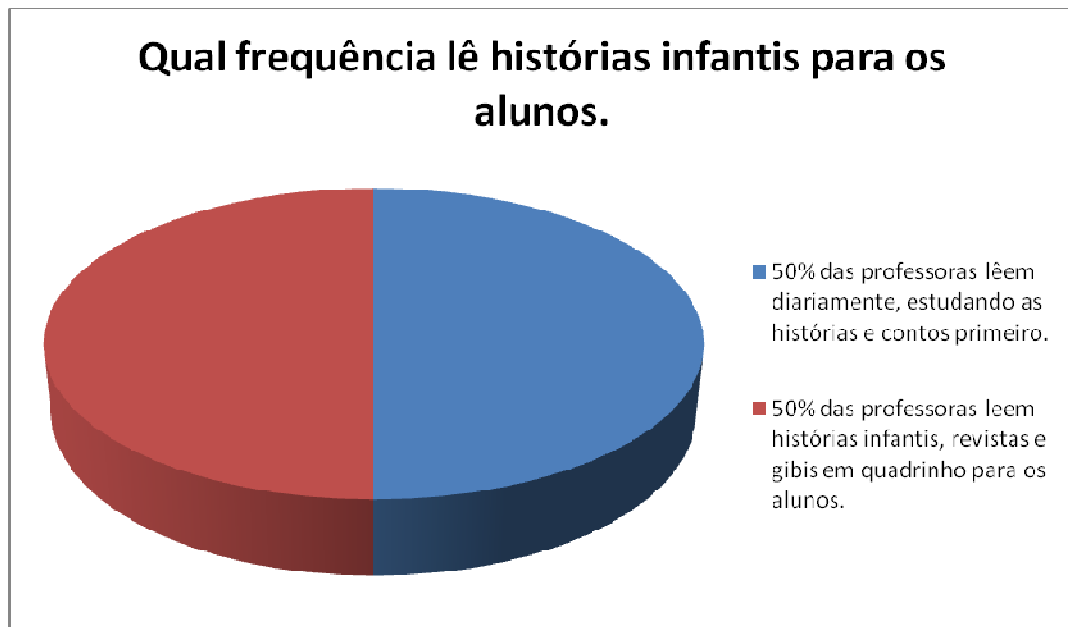
Vygotsky (1991) observa que o ensino deve se dar de forma sistematizada e organizada, onde a leitura e a escrita sejam necessárias a formação pessoal da criança, com um significado relevante para sua vivência social.

(...) implica, desde sua gênese, a constituição de sentido. Desse modo, implica, mais profundamente, uma forma de interação com o outro pelo trabalho de escrita – para quem eu escrevo, o que escrevo e por quê? (...) Mas essa escrita precisa ser permeada por um sentido, por um desejo, e implica ou pressupõe, sempre, um interlocutor. SMOLKA (1989, p. 69)

O papel do educador na educação infantil esta relacionado com a formação da visão de mundo e da imaginação infantil, onde a criança deve ser

direcionada através do registro e do desenho a compreender as representações de mundo e suas relações sociais. O cotidiano da leitura e da escrita precisa ser compreendido como uma atividade real e significativa. Sendo que, o estímulo ao desenho faz-se necessária como forma de registrar passeios, discussões e leituras, cabendo com um recurso importante na prática pedagógica na Educação Infantil (SIEBERT, 2007).

Gráfico 2: Frequência da Leitura de Histórias.



Fonte: Dados colhidos pela autora em entrevista com as Professoras de Educação Infantil do C.M.E.I Soldadinho de Chumbo, realizada em junho de 2015.

Respostas das Entrevistas com as professoras de Educação Infantil:

50% das professoras de educação infantil relataram contar diariamente histórias para as crianças, mas que primeiramente lêem para si as histórias para conhecer os personagens, as palavras que foram escritas pelo autor, buscando um significado mais simples para as palavras mais difíceis para que possam contá-la de maneira clara e objetiva para a turma.

50% das professoras entrevistadas informaram que no seu cotidiano escolar gostam de ler tanto revistas, livros de literatura quanto gibis em quadrinhos, mas que ao ler para as crianças ha uma magia diferente, pois esta

lendo para quem ainda não sabe ler por si próprio e elas tentam fazer com que todos adquiram gosto pela leitura, tornando-se um leitor capaz num futuro próximo.

Cagliari (1985) ressalta que é importante que o adulto converse com as crianças, lendo, cantando, escutando e contando histórias, reproduzindo os sons emitidos pelas crianças, nomeando objetos e as partes do corpo. Mesmo que, a principio não compreenda a linguagem utilizada pelos adultos, com o tempo irão percebendo e diferenciando os sons e palavras reconhecendo e identificando o nome de objetos relacionados.

Afirma que a criança aprende uma língua e não um amontoado de sons:

Aprender a falar é, sem dúvida, a tarefa mais complexa que o homem realiza na sua vida. É a manifestação mais elevada da racionalidade humana. As crianças de todos os lugares do mundo, de todas as culturas, de todas as classes sociais realizam isso de um e meio a três anos de idade. Isso é uma prova de inteligência. (CAGLIARI 1985, p. 52)

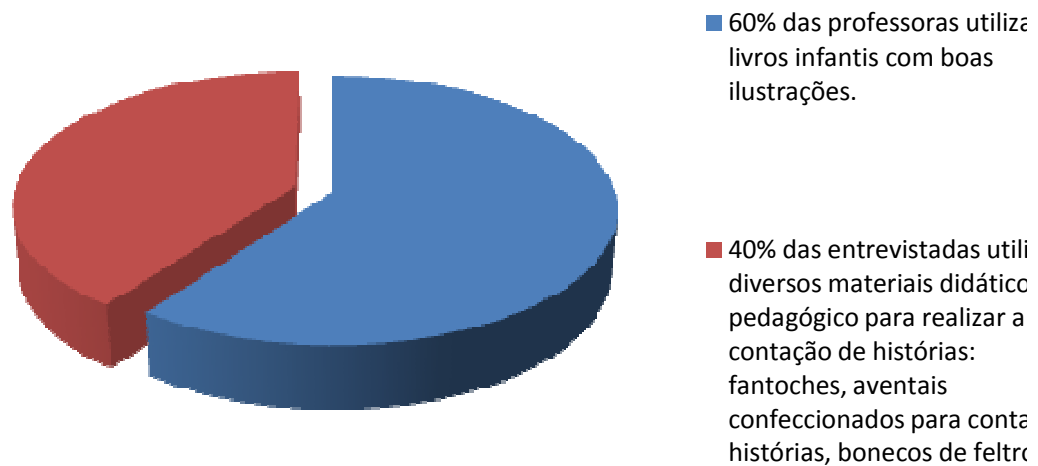
Como a comunicação entre as pessoas é a primeira função da fala, precisa estar sempre presente na educação infantil, sendo que através da fala são repassados conhecimentos, valores éticos e morais. A função do professor é estabelecer a relação entre a fala e o conhecimento da criança, mediando o processo de ensino e aprendizagem. Esta fala é internalizada, quando a criança fala para si mesma em voz alta ela organiza seu pensamento, planejando sua ação, criando estratégias de ação (SIEBERT, 2007).

Segundo Vygotsky (1991, p.115) “a serviço da orientação mental, da compreensão consciente, ajuda a superar dificuldades.

O educador deve criar um ambiente onde a criança se sinta segura para falar e aprenda a ouvir seus companheiros, contribuindo para o desenvolvimento da comunicação e no enriquecimento de seu vocabulário (SIEBERT, 2007).

Gráfico 3: Quanto à utilização de materiais didático na contação de histórias.

Recursos didático-pedagógicos utilizados.



Fonte: Dados colhidos pela autora em entrevista com as Professoras de Educação Infantil do C.M.E.I Soldadinho de Chumbo, realizada em junho de 2015.

Respostas das Entrevistas com as professoras de Educação Infantil:

60% das entrevistadas revelaram que como já adquiriram o hábito de ler livros infantis para as crianças, utilizam-se de livros infantis com boa ilustração, onde a criança ao olhar e escutar a história reconhecem a história e conseguem identificá-la. Não acham que seja por obrigação que o fazem, mas por necessidade de ensinar as crianças através das histórias escritas nos livros.

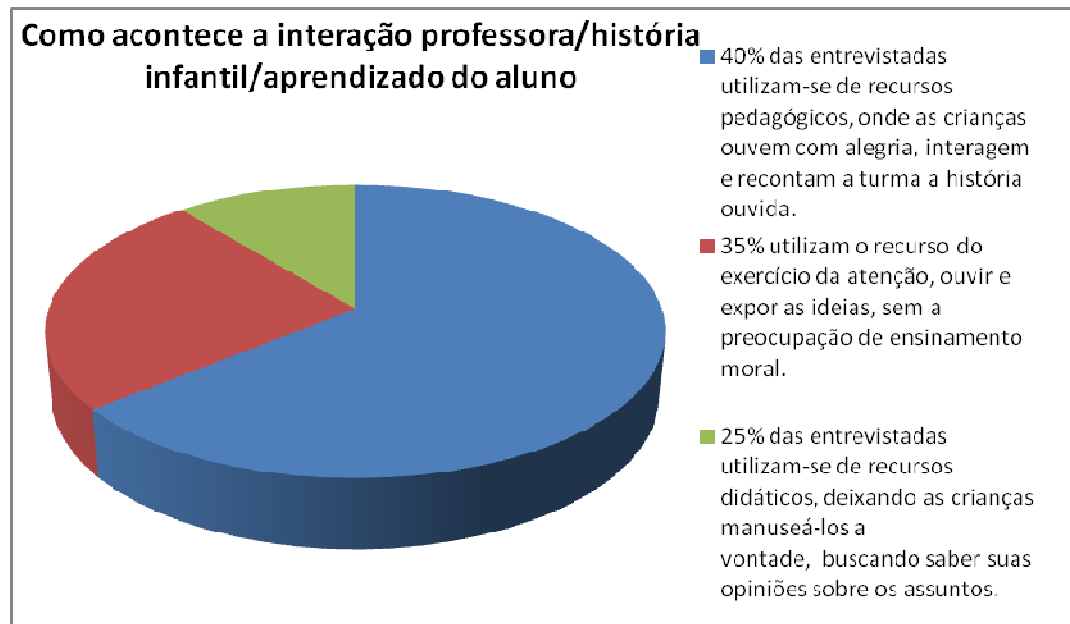
40% das educadoras informaram utilizar-se de fantoches para contar as histórias infantis utilizando os personagens apropriados para cada uma das histórias em aventais confeccionados por elas próprias. Acreditam que a literatura infantil desperta a imaginação das crianças, fazendo com que elas sonhem com as histórias ouvidas, imaginem-se num outro mundo, com novas cores, alegrias aumentadas pelas histórias de dragões alados, princesas e bruxas.

Cunha (1999) postula que o professor deve explorar as diversas ferramentas pedagógicas que leve o aluno ao contato com as linguagens e materiais significativos que leve a interação entre adultos e crianças. O contato

visual e sensorial presente nas diferentes culturas podem levar a observação e experimentação dos meios de comunicação que utilizam a imagem para ampliar o conhecimento como: fotografia, cartaz, televisão, vídeo, histórias em quadrinhos, tela de computador, publicidades, desenho animado, obra de arte, massa de modelar, balões, jogos de montar, fantoches, argila, entre outros.

O professor deve garantir o desenvolvimento da imaginação e da criatividade exercitando os modos de comunicação e senso crítico das crianças (SIEBERT, 2007).

Gráfico 4: Interação professora / história / aprendizado do aluno.



Fonte: Dados colhidos pela autora em entrevista com as Professoras de Educação Infantil do C.M.E.I Soldadinho de Chumbo, realizada em junho de 2015.

Respostas das Entrevistas com as professoras de Educação Infantil:

40% das entrevistadas declararam utilizar-se de recursos e meios para tornar a narrativa mais prazerosa, como o avental de contação com os personagens da história em feltro. É uma alegria para as crianças, que da história contada podem recontar as partes que mais gostaram, conversando sobre a história ouvida ou simplesmente recontá-la para a turma de colegas.

35% das professoras informaram não ser uma perda de tempo como muitas pessoas podem pensar quando observam o trabalho com a literatura infantil, pois é um exercício de atenção, busca por limites, esperar o outro falar para que possa também dar sua opinião, ouvir de forma paciente e ordeira, dar minha sugestão quanto ao final da história segundo meus princípios, mostrar o entendimento sobre a história sem ter que seguir uma “moral” que o autor quer ensinar.

25% das professoras buscam desenvolver o gosto das crianças pela literatura através de revistas e livros usados, dando-as para que as crianças folheiem, vejam as propagandas, as fotos, enquanto a professora comenta sobre os artigos escritos com as crianças, buscando saber de suas opiniões a cerca dos assuntos discorridos.

Segundo Vygotsky (1989), a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento proximal fazendo com que a criança ultrapasse seus conhecimentos já adquiridos (desenvolvimento real), fazendo com ela alcance novas conquistas e tenham uma melhor compreensão de sua ação sobre o mundo. O educador deve estar sempre presente mediando às ações do aluno e seu conhecimento, entre o individual e o social.

O uso dos materiais pedagógicos, contemplados por jogos, brinquedos e outros objetos como: quebra-cabeça e jogos verbais (adivinhações, generalizações, classificação de objetos e comparações), ajudam as crianças na educação infantil há adquirir movimentos, desenvolvendo sua representação e compreensão da realidade concreta, situando a criança em seu meio social e histórico, ajudando na sua forma de pensar, conhecendo a realidade social e construindo sua personalidade (SIEBERT, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde pequena, a criança aprende de alguma forma o significado de ler e escrever. Quando bebê exercita-se repetindo sons e sílabas, mais tarde realiza-se através de desenhos de letras e palavras, percebendo-se capaz de

entrar em um mundo complexo onde poderá ter a iniciativa de desvendar mistérios e aprender a decifrar enigmas das letras e escrituras.

A aprendizagem da leitura e da escrita inicia-se na educação infantil, com o trabalho do professor na roda de conversa, no início do dia quando combinam o que farão, trocando ideias e experiências, onde a criança se expressa e desenvolve a linguagem oral.

Este desenvolvimento da linguagem acontecerá através de sua própria experiência, a vivência da escuta e a aprendizagem, fazendo com que a criança crie vínculo emocional e afetivo com a literatura desde cedo, consolidando-a na fase adulta. Na idade infantil a leitura ajuda a criar competências linguística, principalmente para as crianças vindas de ambientes pouco privilegiados, do ponto de vista cultural.

O momento de narrar histórias ou de ler para as crianças é uma ocasião especial na construção da relação interpessoal entre um adulto e a criança, sendo que a forma de narrar, o uso das palavras, o tipo de aculturação no relato de aspectos brutais da narrativa forma, ainda que inconscientemente na criança, a formação de valores morais e éticos, que levarão para a vida adulta, pois influencia seu modo de pensar, sentir e agir.

O momento em que a professora lê um livro infantil é um momento mágico, portanto, ela deve conhecer a literatura, a história, seus personagens, as palavras difíceis que possam aparecer na narrativa dando um significado fácil que todos possam entender.

Mesmo que a história seja inventada pelo adulto o momento é mágico, cheio de mistério sendo que o narrador irá animar os personagens, inventando acontecimentos, introduzindo uma infinidade de variações sobre o tema narrado, convidando as crianças a participarem da “trama”. A invenção de histórias pode auxiliar no desenvolvimento cognitivo das crianças e nas suas relações interpessoais.

Constatamos que as histórias e contos infantis são recursos apropriados para despertar a sensibilidade das crianças com o intuito de promover mudanças comportamentais nas mesmas.

Nos aspectos didáticos pedagógicos trabalhados na literatura infantil e uma forma prazerosa leva a criança a aprendizagem da literatura e da escrita, onde através das imagens visualizadas as crianças adquiriram o gosto e interesse pela leitura mesmo na sendo letrada. As escolas de educação infantil ao elaborarem seu projeto político pedagógico devem priorizar o ensino através da literatura infantil, levando assim a criança a uma educação integral que desenvolva o lado afetivo, cognitivo e social.

Assim percebe-se a importância da literatura infantil para os pequenos, pois sendo uma narrativa criativa, estimuladora e de grande prazer leva-os a um aprendizado que o acompanhará por toda a vida através das emoções vivenciadas. As histórias narradas transmitem e agregam novos valores éticos e morais que são repassados e ajudam em seu convívio social, na interação com o mundo e o meio em que vive, levando-os a curiosidade e despertando novas emoções.

Concluiu-se que as professoras ao trabalharem com a literatura infantil, utilizando-se de materiais didáticos e pedagógicos (fantoques, avental de contação, livros ilustrados e em 3D) obtiveram êxito no ensino-aprendizado, pois se verificou que aumentou o tempo de concentração das crianças, houve também uma maior interação entre a professora e os alunos, entre os alunos e seus pares, bem como uma maior comunicação entre os alunos e seus pais, pois relatavam a eles a história que foi contada pela professora no decorrer daquele dia.

A pesquisa sobre a literatura infantil, apesar de trabalhoso, atingiu os objetivos propostos quanto à formação integral da criança. Observou-se uma maior demonstração de afetividade entre as crianças, boas maneiras, e espírito de solidariedade, levando-as ao pleno desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BESSA, Valéria da Hora. **Teoria da Aprendizagem**. 2 ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos, n.20).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Rio de Janeiro: Departamento gráfico da Alerj, 2000.

CAGLIARI, L. C. **Caminhos e descaminhos da fala, da leitura e da escrita**. Projeto IPE: ciclo básico. São Paulo, CENP, p. 45-60, 1985.

CUNHA, M. V. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

GALVÃO, Izabel. **Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GOULART, Iris Barbosa. **A educação na perspectiva construtivista**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MACIEL, Ira Maria (Org.) **Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação**. São Paulo: Ciência Moderna, 2000.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **Henry Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PIAGET: a lógica própria da criança como base do ensino. **Revista Nova Escola**, ago. 1996.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

REGO, Lúcia Lins Brownw. **Literatura infantil: Uma Nova Perspectiva da Alfabetização na Pré- Escola**. p. 60. São Paulo: FTD, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação: sujeito e história**. São Paulo: Olho d'água. 2001.

SIEBERT, Marlene Lucia (ORGS). **Currículo Básico para a escola pública municipal – Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais**. AMOP-ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DO PARANÁ. DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO. Cascavel: AMOP, 2007.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** São Paulo: Cortez, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** 4. ed. p. 115. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L.S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone/Edusp, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **As Origens do Caráter na Criança.** São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WALLON, Henri. **O desenvolvimento infantil.** Petrópolis: Vozes, 1998.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância.** Lisboa: Estampa, 1975.